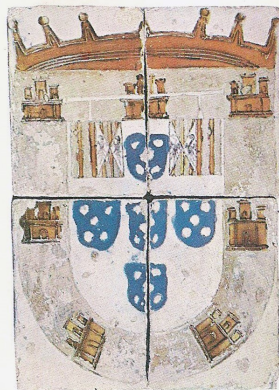


MEMÓRIA · PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# CORRESPONDÊNCIA PARA RAUL PROENÇA

Organização e introdução de José Carlos González  
Com um estudo de Fernando Piteira Santos



Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional

Carta de António Sérgio a Jaime Cortesão  
s.d. [fim 1939/princípio 1940]

Lisboa, Travessa do Moinho de Vento

Querido Amigo: Nunca lhe expliquei as gravíssimas divergências morais com o C. Reys, que me fizeram afastar-me da *S. N.*, porque me repugnava entrar em discussões dessa ordem, e porque seria longuíssimo explicar por carta; além disso a correspondência é agora lida por censores vários, e há coisas que preferiria manter secretas. O meu grande desejo, quando vi que não tinha outro remédio senão afastar-me, foi que o meu nome saísse imediatamente do cabeçalho da revista; por desgraça o Azevedo Gomes pediu-me que não exigisse isso por enquanto, pois nesse caso ele me acompanharia em tal acto, e que não queria fazê-lo já. Esse pedido tem-me causado muito desgosto, a acrescentar-se aos outros que me vieram da *S. N.* Não desejava, repito, escrever sobre o assunto. Vejo-me hoje forçado a fazê-lo, depois de longas hesitações, porque creio dever de lealdade não o manter na ignorância da interpretação que o público está dando ao seu acto de ter começado agora a colaborar na *S.*, depois de uma estirada ausência das colunas da revista. Essa interpretação é a seguinte: o meu Amigo tomou partido pelo C. R. contra mim; ora, tomar partido pelo C. R. é tomar partido pela imoralidade e pelo desprestígio da revista. Pela sua péssima administração o C. R. viu-se levado a praticar mil actos desprestigiadores, irregularidades de toda a ordem, que o conduziram ao banco dos réus se a escrita

da Empresa fosse examinada pela autoridade (pergunte a seu irmão Armando o que ele pensa dos procedimentos financeiros do C. R.). Além disso, tornou a Empresa (e por intermédio da Empresa a revista) dependente de pessoas que não têm as nossas ideias políticas e de financeiros que também as não têm. A esposa do C. R., excelente pessoa mas de ideias bem diferentes das nossas, já deu para lá uns 270 contos, e é à custa dela que hoje vive a *Seara*, e da boa vontade dos financeiros dos Bancos. Ora, o C. R. fazia reflectir esta dependência na colaboração que dava e fazia dar para a revista. A *S. N.* não teria hoje a mais pequenina autoridade moral para criticar a plutocracia, de cuja boa vontade inteiramente depende. Como creio que o meu Amigo sabe, eu fui co-editor da revista, mas nunca pertenci à empresa que a edita, e que *infelizmente tem o mesmo nome que ela, o que leva a confundir as duas identidades*; não obstante, fiz toda a espécie de sacrifícios, *dolorosos e cotidianos*, durante meia dúzia de anos para ajudar a empresa a sair das suas dificuldades financeiras (só devidas à incapacidade do C. R.), a ponto de empenhar um dia, para esse fim, as jóias de minha Mulher. Por último, quando vi que o C. R. nada fazia para se emendar, propus que se mudasse o nome da Empresa, para que ficasse diferente do da revista e se não confundissem as duas coisas. Mas o C. R. queria precisamente a confusão, pois exactamente por causa da confusão é que os financeiros emprestavam dinheiro, a fim de terem a revista por intermédio da Empresa, na sua dependência. Opôs-se, pois, tenazmente. Ora ele, por causa dos 270 contos da Esposa, é hoje o

dono da *Seara*. Tive eu pois de me afastar, com o Azevedo Gomes, o Agostinho da Silva, o Castelo Branco Chaves e o Salema — todos os colaboradores da *Seara* que estavam em Portugal conheciam as causas por dentro e se distinguiam pelo seu forte e nítido carácter, pelo seu espírito profundamente «seareiro».

Aqui tem, meu caro Jaime. É-me doloroso que o público o considere como tendo tomado partido contra mim. Não obstante, se fora só isso, calar-me-ia. Estou habituado a injustiças piores. Mas tomar partido contra mim é tomar partido pelo imoralidade, pelo desprestígio moral, intelectual e político da *S. N.* — desprestígio que é hoje completo em todos os homens de inteligência e de carácter que têm reparado no caminho que ela leva. Preveni-lo deste facto aparece-me agora com um dever de amigo.

Afectuosamente seu  
A. Sérgio

*P. S.* — Por uma asneira administrativa do C. R. (contra a qual eu o preveni) um dos accionistas da Empresa é hoje o Dr. Augusto Soares que ele atacou violentamente na *Seara*. O Augusto Soares não se digna comparecer às assembleias gerais. Se o fizesse, dava em pantana com o C. R. A administração da Empresa vive hoje da magnanimidade desse adversário. Mas este está bem premunido contra a possibilidade de qualquer futuro ataque. Rogo acuse, mal possa, o recebimento desta carta.